

DA AUTORA BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES

ONYX STORM

ENFRENTA A ESCURIDÃO.

TEMPESTADE DE ÔNIX



REBECCA YARROS

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

REBECCA YARROS

TEMPESTADE DE ÔNIX

Tradução

Karine Ribeiro e Laura Pohl



Copyright © Yarros Ink, Inc., 2025

Publicado em acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria e Alliance Rights Agency, LLC. SL.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Karine Ribeiro e Laura Pohl, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Onyx Storm*

Preparação: Laura Pohl e Renato Ritto

Revisão: Wélida Muniz, Ligia Alves e Caroline Silva

Projeto gráfico: Britt Marczak

Diagramação: Vivian Oliveira

Mapa e diagrama: Melanie Korte e Bree Archer

Capa: Bree Archer e Elizabeth Turner Stokes

Ilustrações de capa e miolo: Peratek/Shutterstock, Romolo Tavani/Shutterstock, VRVIRUS/

Shutterstock, Dmitri I ch/GettyImage, KBL-loss/shutterstock, stopkin/shutterstcok e yangng/

Depositphotos

Adaptação de capa: Isabella Teixeira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Yarros, Rebecca

Tempestade de Ônix / Rebecca Yarros ; tradução de Laura Pohl, Karine Ribeiro. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

656 p. : il.

ISBN 978-85-422-2917-2

Título original: *Onyx Storm*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Pohl, Laura III. Ribeiro, Karine

245467

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

~~Eu não vou morrer hoje.~~
Vou salvá-lo.

— ADENDO PESSOAL DE VIOLET SORRENGAIL AO LIVRO DE BRENNAN



CAPÍTULO UM

Duas semanas depois

Voar em janeiro deveria ser considerado crime pelo Códex. Entre os uivos da tempestade e a névoa incessante nos óculos, não consigo ver porra nenhuma enquanto atravessamos a nevasca intensa que se abate nas montanhas acima de Basgiath. Torcendo para que já tenhamos passado a pior parte, aperto o pomo da minha sela com mãos enluvadas e seguro firme.

— *Morrer hoje seria inconveniente* — digo, pela conexão mental que me une a Tairn e Andarna. — *A não ser que esteja tentando me manter longe do Senarium hoje à tarde?*

Esperiei mais de uma semana pela ordem, que veio disfarçada de convite, para comparecer ao conselho do rei, mas a demora é compreensível, considerando que chegamos a um inédito quarto dia de negociações de paz no campus. Poromiel declarou publicamente que vai embora depois do sétimo dia se não conseguirem chegar a um acordo, e as perspectivas não estão nada boas. Estou torcendo para que demonstrem mais boa vontade quando eu chegar.

— *Quer chegar a tempo da reunião? É só não cair dessa vez* — retruca Tairn.

— *Pela última vez, eu não caí* — rebato. — *Pulei para ajudar Sawyer...*

— *Nem me lembre.*

— *Vocês não podem continuar me deixando de fora das patrulhas* — interrompe Andarna, sob a proteção do Vale.

TRÉCHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

— *Não é seguro* — Tairn a lembra pelo que parece ser a centésima vez. — *Fora o clima, ainda estamos caçando dominadores das trevas, e esse não é um voo prazeroso.*

— *Você não deveria voar com um tempo desses* — concordo, procurando por sinais de Ridoc e Aotrom, mas só vejo branco e mais branco.

Sinto um aperto no peito. Como é que qualquer um de nós vai conseguir identificar a topografia ou outros membros do esquadrão nessa bagunça, isso sem falar em identificar dominadores das trevas que podem estar a centenas de metros abaixo de nós? Não tenho lembranças de uma série de tempestades mais brutais do que essas que assolaram o instituto militar nas últimas semanas, mas talvez sem...

Mamãe. O luto afunda as garras afiadas em meu peito, o que me faz erguer o rosto e sentir a ardência dolorida da neve contra as bochechas, me concentrando em qualquer outra coisa para continuar respirando, continuar em movimento. Deixo o luto para depois, sempre depois.

— *É só uma patrulha rápida* — resmunga Andarna, despertando-me de meus pensamentos. — *Preciso praticar. Ninguém sabe que tipo de clima vamos encontrar quando sairmos à procura da minha espécie.*

Essas “patrulhas rápidas” já se provaram mortais, e não estou querendo encontrar motivos para testar a teoria sobre o fogo de Andarna. Os dominadores das trevas têm poderes limitados dentro das égides, mas ainda são lutadores letais. Aqueles que não fugiram depois da batalha usaram o elemento da surpresa para acrescentar diversos nomes à chamada dos mortos. A Primeira Asa, a Terceira Asa e até o nosso Setor Garra sofreram perdas.

— *Então pratique dispersar magia o suficiente para manter todas as suas extremidades aquecidas durante o voo, porque suas asas não sustentarão o peso do gelo* — grunhe Tairn enquanto a neve cai.

— *“Suas asas não sustentarão o peso do gelo”* — imita Andarna, com escárnio. — *E ainda assim as suas conseguem, milagrosamente, sustentar o peso desse seu ego.*

— *Vá encontrar uma ovelha e deixe os adultos trabalharem.* — Os músculos de Tairn tensionam e se soltam de leve sob mim em um padrão familiar, e me inclino o máximo que a sela permite, preparando o corpo para um mergulho.

Meu estômago sobe até a boca quando Tairn fecha as asas e afundamos, cortando a tempestade. O vento rasga meu capuz de voo de inverno, e a faixa de couro da sela segura minhas coxas congeladas enquanto rezo para Zihnal para não irmos ao encontro direto de um pico montanhoso lá embaixo.

Tairn se endireita e meu estômago se acomoda enquanto levo os óculos à testa e pisco rapidamente, olhando para a direita. Diminuir a

altitude acalmou a intensidade da tempestade e melhorou a visibilidade a ponto de dar para ver a cumeeira pedregosa acima do campo de voo.

— *A barra parece limpa.* — Meus olhos se enchem de lágrimas, agredidos pelo vento e pela neve, no que mais parecem minúsculos projéteis do que flocos. Limpo as lentes usando a parte macia das luvas antes de colocá-las outra vez sobre os olhos.

— *Concordo. Assim que Feirge e Cruth estiverem de acordo, encerraremos os esforços do dia* — resmunga ele.

— *Desse jeito fica parecendo até que não encontrar o inimigo por três dias seguidos é algo ruim.*

Talvez nós de fato tenhamos matado todos eles. Nós, cadetes, matamos trinta e um venin na área que cercava Basgiath, enquanto nossos professores trabalham para limpar o resto da província. O número aumentaria para trinta e dois se alguém suspeitasse que um venin estava vivendo entre nós (mesmo que ele tenha sido o responsável por dezessete dessas mortes).

— *Não me sinto reconfortado pelo silêncio...*

O vento estoura lá em cima com um *craque*, e a cabeça de Tairn se ergue. Sigo o movimento imediatamente.

Ah, não.

Não é o vento. São asas.

As garras de Aotrom dominam minha visão e meu coração se sobressalta, em pânico. Ele está saindo da tempestade bem em cima da gente.

— *Tairn!* — grito, mas ele já está rolando para a esquerda, levando-nos para longe da colisão.

O mundo gira, o céu e a terra trocam de lugar duas vezes em uma dança nauseante até Tairn abrir as asas com um estalo dissonante. O movimento provoca uma rachadura na camada grossa de gelo que fica ao alcance das pontas dianteiras de suas asas, e os pedaços caem pelo céu.

Respiro fundo, trêmula, enquanto Tairn bate as asas com esforço máximo, subindo trinta metros em questão de segundos e indo na direção do Rabo-de-espada-marrom unido a Ridoc.

Fúria escalda o ar em meus pulmões, as emoções de Tairn invadindo meu sistema por um segundo antes de eu conseguir levantar com tudo meus escudos para abafar o pior do que parece inundar nossa conexão.

— Não! — grito para o vento enquanto surgimos ao lado esquerdo de Aotrom, mas, como sempre, Tairn faz o que bem entende e arreganha a bocarra ao que parece ser centímetros da cabeça de Aotrom. — Foi claramente um acidente!

Um que teria sido evitado com bastante facilidade se os dragões estivessem se comunicando.

O Rabo-de-espada-marrom menor solta um *guincho* quando Tairn repete o aviso, e então Aotrom deixa sua garganta exposta em um gesto de submissão.

Ridoc olha para mim através da nevasca e ergue as mãos para o alto, mas duvido que me veja dar de ombros como pedido de desculpas antes de Aotrom se afastar, indo na direção sul, dirigindo-se ao campo de voo.

Ao que parece, Feirge e Rhi também terminaram a patrulha.

— *Isso era mesmo necessário?* — Abaixo os escudos e a conexão de Tairn e Andarna me inunda outra vez com força máxima, mas o caminho cintilante que leva a Xaden ainda está bloqueado, abafado como um eco da sua presença normal.

A perda da conexão constante que tínhamos é terrível, mas ele não confia em si mesmo (ou no que acha que vai se tornar) para deixar aquele caminho aberto entre nós.

— *Sim* — responde Tairn, declarando que só uma palavra é suficiente.

— *Você tem quase o dobro do tamanho dele, e obviamente foi um acidente* — repito enquanto descemos acelerados na direção do campo de voo. A neve no chão do cânion quadrado foi afogada em uma série de caminhos lamacentos depois das patrulhas constantes dos alunos do segundo e terceiro ano.

— *Foi negligência, e um dragão de vinte e dois anos já deveria saber que não pode se fechar para a legião da qual faz parte só porque está em pé de guerra com o próprio cavaleiro* — resmunga Tairn, a raiva diminuindo para irritação enquanto Aotrom pousa ao lado do Rabo-de-adaga-verde de Rhi, Feirge.

As garras de Tairn se chocam contra o chão gélido à esquerda de Aotrom, e o pouso repentino faz vibrar cada osso no meu corpo, como se fosse um sino. A dor explode por minha coluna, minha lombar recebe o pior do impacto. Respiro fundo, afastando o pior, e então aceito o resto da dor, seguindo em frente.

— *Que pouso gracioso* — comento, erguendo os óculos até a testa.

— *Da próxima vez, voe você, então.*

Ele se sacode como um cachorro molhado, e protejo meu rosto com as mãos enquanto neve e gelo respingam das escamas dele.

Puxo a faixa de couro da cela quando ele fica imóvel, mas a fivela se prende à linha torta e malfeita de pontos que costurei depois da batalha, estourando um deles.

— *Droga. Isso não teria acontecido se você tivesse deixado Xaden consertar a sela.*

Forço meu corpo a sair da cela, ignorando o protesto dolorido de minhas articulações congeladas enquanto percorro o caminho pelo padrão de escamas e espinhos gelados que conheço tão bem quanto minha mão.

— *Não foi o Sombrio que as cortou, em primeiro lugar* — responde Tairn.

— *Pare de chamar ele assim.*

Meu joelho cede, e levanto os braços para recuperar o equilíbrio, amaldiçoando minhas juntas quando chego ao ombro de Tairn. Depois de uma hora na sela com essa temperatura, um joelho irritado não é nada; tenho é sorte por meus quadris ainda não terem parado de funcionar.

— *Pare de negar a verdade.* — Tairn enuncia cada palavra da ordem condenatória enquanto desvio de um pedaço de gelo, me preparando para desmontar. — *A alma dele já não pertence mais a ele.*

— *Ai, que drama.* — Não vou entrar nessa discussão de novo. — *Os olhos dele já até voltaram ao normal...*

— *Esse tipo de poder é viciante. Você sabe disso, ou não estaria fingindo dormir à noite.* — Ele vira o pescoço de uma forma que me lembra uma serpente, lançando um olhar dourado e feio para mim.

— *Eu tenho dormido.* — Não é bem uma mentira, mas definitivamente é hora de mudar de assunto. — *Você me obrigou a consertar a sela para me dar uma lição?* — Minha bunda protesta contra cada escama na perna de Tairn enquanto deslizo, então aterrisso em uma nova camada grossa de neve. — *Ou por que não confia mais em Xaden com meu equipamento?*

— *Sim.*

Tairn ergue a cabeça muito acima da minha e sopra uma torrente de fogo na própria asa, derretendo o restante do gelo, e me viro contra o sopro quente que contrasta dolorosamente com minha temperatura corporal.

— *Tairn...* — Fico sem palavras, erguendo o olhar para ele. — *Preciso saber sua opinião antes dessa reunião. Com ou sem a aprovação do Empyriano, não posso fazer nada disso sem você.*

— *E o que está me perguntando, na verdade, é se vou apoiar você na infinidade de jeitos por meio dos quais planeja cortejar a morte em nome de curar alguém que está além da redenção?* — Ele serpenteia a cabeça na minha direção novamente.

A tensão estala pelo lado da união de Andarna.

— *Ele não está...* — interrompo aquele argumento em particular, já que o resto do que ele falou está certo, na verdade. — *É isso mesmo, basicamente.*

Ele solta um resmungo profundo que reverbera por seu peito.

— *Eu voo sem aquecer minhas asas quando me preparo para carregar pesos maiores por distâncias maiores. Isso já não responde a sua pergunta?*

Ele está falando de Andarna. O alívio escapa de meus lábios em uma respiração acelerada.

— *Obrigada.*

Um fiapo de fumaça se ergue das narinas dele.

— *No entanto, não confunda meu apoio inabalável a você, à minha consorte e a Andarna com qualquer fé que eu possa ter nele.* — Tairn ergue a cabeça, indicando que aquela conversa chegou ao fim.

— *Entendido.*

Com esse embate concluído, percorro o caminho batido até onde Rhi e Quinn esperam, e Ridoc passa longe de Tairn enquanto faz o mesmo à minha direita. Meus dedos quase inertes e enluvados se atrapalham com os botões na lateral do capuz de voo do inverno, e o tecido forrado de pelo é afastado do meu nariz e da boca quando alcanço o grupo.

— Tudo bem na rota de vocês?

Rhi e Quinn parecem estar com frio, mas sem nenhum ferimento, graças aos deuses.

— Ela ainda está... assustadoramente normal. Não vimos nada preocupante. A fossa de queimar wyvern também é só cinzas e ossos. — Rhi tira uma bolota de neve do forro do capuz e em seguida o puxa para trás, revelando tranças negras na altura dos ombros.

— Não vimos porra nenhuma nesses últimos dez minutos, ponto.

— Ridoc enfia a mão enluvada no cabelo, os flocos de neve deslizam pelas bochechas marrons sem derreter.

— Ao menos você domina gelo. — Gesticulo para o rosto dele, que está livre de neve de um jeito irritante.

Quinn prende os cachos loiros em um coque rápido.

— Usar seu poder também pode te aquecer.

— Não vou arriscar canalizar sem conseguir ver o que pode estar no caminho. — Especialmente depois que perdi meu único conduíte na batalha. Olho de relance para Ridoc enquanto, atrás dele, uma fileira de dragões do nosso Setor Cauda levanta voo para a própria patrulha. — Sobre o que estava discutindo com Aotrom, aliás?

— Desculpe por isso. — Ridoc estremece e abaixa a voz. — Ele quer voltar para casa. Em Aretia. Diz que podemos começar a busca pela sétima raça de dragões por lá.

Rhi assente, e Quinn aperta os lábios até formarem uma única linha rígida.

— Eu entendo — respondo. Esse vem sendo um sentimento comum na legião. Não somos exatamente bem-vindos por aqui. A união entre os cavaleiros de Navarre e Aretia desmoronou horas depois do fim da batalha. — Mas o único caminho possível para uma aliança que pode salvar civis poromieleses requer que fiquemos aqui. Pelo menos por enquanto.

Isso sem mencionar o fato de que Xaden insiste que devemos ficar.

— *Ele quer ficar porque as égides de Navarre protegem você das ações dele.* — Tairn sopra outra labareda de fogo quando eu o ignoro, aquecendo a asa esquerda, e então se abaixa antes de se lançar aos céus com os outros.

O pátio está quase vazio quando entramos no túnel que percorre a cumeira que separa os campos de treinamento. À nossa frente, a neve cobre os telhados da ala de dormitórios, o átrio redondo que liga as estruturas da Divisão e todo o resto, menos o telhado mais ao sul da Ala Acadêmica à nossa esquerda, onde o fogo de Malek queima, intenso, na torre mais alta, consumindo os pertences dos nossos mortos, como exige o deus.

Talvez o deus da morte vá me amaldiçoar por guardar os diários pessoais da minha mãe, mas não é como se eu já não quisesse ter uma boa conversinha com ele quando finalmente nos conhecermos.

— Relatório — ordena Aura Beinhaven da plataforma à nossa esquerda, onde está parada ao lado de Ewan Faber, o Dirigente de Asa corpulento e de rosto amargurado do pouco que restou da Quarta Asa de Navarre.

— Ah, que ótimo, vocês todos conseguiram voltar. — A voz de Ewan exala sarcasmo enquanto ele cruza os braços, a neve caindo nos ombros largos. — Estávamos todos *muito* preocupados.

— Esse otário não era nem Líder de Esquadrão na Garra quando fomos embora — murmura Ridoc.

— Nada a reportar nesta manhã — responde Rhiannon, e Aura assente, mas não se dá ao trabalho de falar. — Recebemos notícias do fronte?

Meu estômago dá um nó. A falta de informações é agonizante.

— Nada que eu estaria disposta a compartilhar com um bando de desertores — responde Aura.

Ah, ela que se dane.

— Um bando de desertores que salvou a vida de vocês! — Quinn dá o dedo do meio enquanto continuamos andando, as botas esmagando o cascalho coberto de neve. — Cavaleiros de Navarre, cavaleiros de Aretia... tudo isso aqui não vai dar em nada — diz ela, baixinho, para o grupo. — Se não estão dispostos nem a *nos* aceitar, não vão aceitar os paladinos nem com reza braba.

Assinto em concordância. Mira vem trabalhando nessa questão em particular; não que a liderança saiba disso ou que vá permitir que ela use seja lá o que aprenda, mesmo que possa ajudar a salvar as negociações. Babacas arrogantes.

— Devera e Kaori devem voltar daqui a pouco. Vão arrumar a estrutura de comando assim que a realeza assinar o tratado que, com sorte, deve perdoar todos nós por termos ido embora daqui, para começo de conversa. — Rhi inclina a cabeça quando Imogen sai do átrio à nossa frente, o cabelo cor de rosa na altura da bochecha enquanto desce os degraus de pedra. — Cardulo, você perdeu a patrulha.

— Fui designada a outro lugar pelo tenente Tavis — explica Imogen, sem hesitar um segundo enquanto se aproxima de nós. O olhar dela vem ao meu encontro. — Sorrengail, precisamos conversar.

Assinto. Ela estava tomando conta de Xaden.

— É melhor que esteja presente amanhã. — Rhi passa por Imogen com os outros dois, então para no meio da escadaria e olha para trás enquanto os outros seguem para dentro. — Espera aí. Mira volta hoje?

— Amanhã — respondo.

A ansiedade ata um nozinho bem apertado em minha garganta e dá um puxão. Uma coisa é fazer um plano, outra é executá-lo, especialmente quando as consequências podem envolver pessoas que amo, tornando-as traidoras... mais uma vez.

— *Todos os caminhos possíveis* — lembra Andarna.

— *Todos os caminhos possíveis* — repito, como um mantra, e endireito os ombros.

— Ótimo — responde Rhi, um sorriso lento se espalha por seu rosto. — Encontrem a gente na enfermaria quando acabarem — instrui ela, e então sobe o resto dos degraus até o átrio.

— Você contou aos segundanistas o que Mira anda fazendo? — sussurra Imogen com um quê afiado de acusação.

— Só aos cavaleiros — respondo, no mesmo tom baixo. — Se formos pegos, é traição, mas se os paladinos forem pegos...

— Aí é guerra — conclui Imogen.

— Ridoc, você congelou a porta para mantê-la fechada? — Rhi grita do topo da escadaria, puxando a maçaneta do átrio usando todo o peso do corpo antes de marchar para a outra porta à esquerda. — Volte aqui e conserte isso *agora*!

— Ah, tá. Contar a verdade foi mesmo uma ótima escolha. — Imogen esfrega o dorso do nariz enquanto Ridoc ri, histérico, de dentro do átrio. — Vocês quatro são um pé no saco. Vai ser um milagre se conseguirmos chegar ao fim disso sem acabarmos todos na forca.

— Você não precisa se envolver. — Eu a encaro de uma forma que jamais sonharia em fazer dezoito meses atrás. — Vou continuar nessa, com ou sem a sua ajuda.

— Cheia de marra, hein? — Ela ergue um canto da boca. — Relaxa aí. Desde que Mira tenha um plano, claro que estou dentro.

— Ela não conhece o significado da palavra fracasso.

— Já saquei. — A neve sopra em nosso rosto enquanto os olhos de Imogen ficam mais severos. — Mas por favor diga que não contou ao quarteto pateta *todo* o motivo para estarmos fazendo isso.

— Claro que não. — Enfia as luvas no bolso. — Ele ainda está irritado comigo por “sobrecarregar” você com isso.

— Então ele deveria parar de fazer um monte de idiotices que precisam ser encobertas. — Ela esfrega as mãos para afastar o frio e começa a me seguir pelos degraus. — Olha só, eu precisava falar com você em particular porque Garrick, Bodhi e eu conversamos...

— Sem mim? — Deixo as costas mais eretas.

— Sobre você — esclarece ela, sem pedir desculpas.

— Ah, uau, isso é mesmo muito melhor. — Estico a mão na direção da porta.

— Decidimos que precisa repensar seu local de descanso.

Aperto a maçaneta e contemplo a ideia de fechar a porta na cara dela.

— Pois eu *decidi* que vocês todos podem ir se foder. Não vou fugir dele. Mesmo nos momentos em que ele perdeu o controle, nunca me machucou. E nunca vai me machucar.

— Eu falei que você diria isso, mas não fique chocada se eles continuarem insistindo. É bom saber que você ainda é previsível, mesmo que o Riorson já não seja.

— Como ele estava hoje de manhã?

O calor inunda meu rosto quando entramos no átrio vazio, e abaixo o capuz. Sem as aulas, formatura ou qualquer senso de ordem, a Ala Acadêmica pode até estar abandonada, mas a área comum e o saguão estão congestionados com muitos cadetes preocupados, agitados e sem rumo, torcendo para sobreviver à próxima patrulha, e procurando descontar as próprias frustrações em outra pessoa. Todo mundo aqui *mataria* por uma única aula de Preparo de Batalha.

— Rabugento e teimoso como sempre — responde Imogen enquanto atravessamos na direção do dormitório, ficando em silêncio ao passarmos por um grupo de segundanistas da Primeira Asa que nos encaram feio. Entre eles está Caroline Ashton, o que significa que os oráculos da verdade devem tê-la liberado. Para nossa sorte, os degraus que levam à Divisão Hospitalar estão felizmente vazios. — Já considerou contar nossos planos a ele?

— Ele sabe que vamos ser enviados para encontrar a família de Andarna. Quanto ao resto? Não quer saber. — Aceno com a cabeça

na direção de cavaleiros aretianos da Terceira Asa quando chegamos ao túnel, e espero para falar de novo quando estamos longe do alcance dos ouvidos deles. — Xaden está preocupado que possa vaziar informações sem querer... o que é ridículo, mas estou respeitando a vontade dele.

— Mal posso esperar para ele descobrir que você está liderando sua própria rebelião. — Ela abre um sorriso enquanto atravessamos a ponte encoberta que leva à Divisão Hospitalar.

— Não é uma rebelião, e não estou... liderando.

Xaden, Dain, Rhi: eles são líderes. Inspiram e comandam para o bem da unidade. Eu só estou fazendo tudo ao meu alcance para salvar Xaden.

— Pôs na conta a missão de encontrar os dragões da espécie de Andarna? — Ela escancara as portas da Divisão Hospitalar, e eu a sigo.

— Essa situação é diferente, e eu não estou liderando nada, só escolhendo um líder. Pelo menos assim espero. — Encaro o túnel cheio, para além dos pacientes adormecidos e vestidos, na maior parte, com o azul da infantaria, e vejo um grupo de escribas encapuzados movimentando-se entre eles, sem dúvida tentando conseguir relatos precisos da batalha. — Parece a mesma coisa, mas não é.

— Aham. — A palavra soa carregada de sarcasmo. — Bom, considere o recado entregue, então essa conversa acabou. Me avise quando Mira voltar. — Ela volta na direção do campus principal. — Mande lembranças ao Sawyer e boa sorte hoje à tarde!

— Obrigada — respondo para ela, e me viro na direção da enfermaria.

O aroma de ervas e metal enche meus pulmões quando atravesso as portas duplas. Aceno para Trager à minha direita, que está entre os paladinos que receberam treinamento médico e que estão dando o melhor de si para ajudar como podem.

Ele assente ao lado da maca de um paciente e em seguida pega uma agulha e um fio.

Prossigo rapidamente até o canto mais próximo, saindo da frente dos médicos enquanto eles entram e saem de divisórias separadas por cortinas onde as fileiras dos feridos descansam.

A risada de Ridoc ressoa da última divisória quando me aproximo. As cortinas azul-claras estão abertas, revelando uma pilha de jaquetas de inverno descartadas no canto e todos os outros segundanistas do nosso esquadrão aglomerados ao redor da cama de Sawyer.

— Para de exagerar — diz Rhiannon, sentada na cadeira de madeira perto da cabeça de Sawyer, balançando um dedo na direção de Ridoc, que está sentado na cama, bem onde a perna do nosso membro

de esquadrão costumava estar. — Eu só disse que aquela era a mesa do nosso esquadrão e que eles precisavam...

— Levantar aquelas bundas moles e covardes para voltar para o setor da Primeira Asa, de onde nunca deveriam ter saído — termina Ridoc, dando outra gargalhada.

— Não foi isso que você falou. — Sawyer ergue o canto da boca, mas não é um sorriso verdadeiro.

— Foi, sim — digo, tomando cuidado para não pisar nas pernas esticadas de Cat no chão ao lado de Maren quando entro no espaço apertado, desabotoando a jaqueta de voo e atirando-a na pilha.

— Cavaleiros se ofendem com tão pouco. — Cat arqueia uma sobrancelha escura e folheia um livro de história de Markham. — Temos problemas muito maiores do que as mesas.

— Verdade. — Maren assente enquanto trança os cabelos castanho-escuros usando quatro mechas.

— Como foi a patrulha, aliás? — Sawyer se endireita na cama para se sentar sem precisar de ajuda.

— Tranquila — responde Ridoc. — Estou começando a achar que já pegamos todos eles.

— Ou que conseguiram fugir — comenta Sawyer, e luz vai sumindo de seus olhos. — Vocês vão começar a persegui-los logo, logo.

— Só depois que *nós* nos graduarmos. — Rhi cruza as pernas. — Não vão mandar cadetes para além das fronteiras.

— Tirando a Violet, claro, que vai sair em busca da sétima raça para conseguirmos ganhar essa guerra. — Ridoc olha para mim com um sorriso convencido. — Não se preocupe, vou manter ela segura.

Não sei dizer se ele está brincando ou falando sério.

Cat bufa e vira outra página.

— Como se fossem deixar *você* ir. Garanto que vão ser apenas oficiais na missão.

— De jeito nenhum. — Ridoc balança a cabeça. — O dragão é dela, então as regras são dela também. Não é, Vi?

Todas as cabeças se viram na minha direção.

— Presumindo que vão nos dar ordens, vou providenciar uma lista de pessoas em quem confio para me acompanharem na missão.

Uma lista que já rascunhei tantas vezes que nem sei mais se estou andando com a certa por aí.

— Você deveria levar o esquadrão — sugere Sawyer. — Trabalhamos melhor como um time. — Ele bufa. — Quem estou tentando enganar? *Vocês* trabalham melhor como time. Eu mal consigo subir uma escada.

Ele indica as muletas encostadas ao lado da cama.

— Você ainda faz parte do time. Hidrate-se. — Rhi estica a mão para a mesa de cabeceira para pegar a caneca de latão que está por cima de um bilhete que parece ter sido escrito na caligrafia de Jesinia.

— A água não vai fazer minha perna crescer de volta. — Sawyer aceita a caneca e o metal sibila, moldando-se ao apoio dele. Ele ergue o olhar para mim. — Sei que é uma merda falar isso depois que você perdeu sua mãe...

— Não existe competição de dor — garanto a ele. — Sempre tem o suficiente para todo mundo.

Ele suspira.

— Recebi uma visitinha do coronel Chandlyr.

Sinto um vazio no estômago.

— O comandante dos cavaleiros aposentados?

Sawyer assente.

— Quê? — Ridoc cruza os braços. — Os segundanistas não se aposentam. A gente morre, mas não se aposenta.

— Eu entendo — começa Sawyer. — Só...

Um grito agudo ecoa pela enfermaria num tom de fazer joelhos tremerem, reservado apenas para algo muito pior que a dor: medo. O silêncio que se segue me gela até os ossos, a apreensão faz os cabelos da minha nuca arrepiarem enquanto desembainho duas adagas e me viro para encarar a ameaça.

— O que foi isso? — Ridoc pula da cama de Sawyer, e os outros ficam atrás de mim enquanto saio da divisória e me viro na direção das portas abertas da enfermaria.

— Ela está morta! — Um cadete em um uniforme azul cambaleia para dentro e cai de quatro. — Estão *todos* mortos!

Não há como confundir a marca de mão cinzenta na lateral do pescoço dele.

Venin.

Meu coração acelera. Não os encontramos em patrulha... porque já estão *aqui dentro*.